

**18º CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA**

26 A 29 DE JULHO DE 2017, BRASÍLIA (DF).

GT01 - TEORIAS SOCIOLOGICAS:

DESAFIOS PERENES E QUESTÕES EMERGENTES

**Max Weber no Brasil: subsídios e apontamentos para uma  
sociologia da recepção de obras intelectuais.**

**Márcio José Rosa de Carvalho**

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

## INTRUDUÇÃO

No presente paper<sup>1</sup>, visamos apresentar subsídios indicativos sobre a forma como as condições sociais da esfera intelectual brasileira fizeram a recepção da obra de Max Weber no Brasil, tomando como perspectiva o reconhecimento de que Weber é hoje, também no Brasil, um autor de alta circulação editorial e um clássico das Ciências Sociais. Discutimos a problemática da compreensão dos processos de circulação internacional, de importação e de recepção e das ideias, como preconizado por Bourdieu (2002a; 2002b [1989]) e, também, para a necessidade de evidenciar *como as ideias* dão orientação e/ou são reorientadas em conjunção com *interesses* e *instituições*, de acordo com M. Rainer Lepsius (apud SCHLUCHTER, 2014).

Como autor canônico das Ciências Sociais, Weber tem sido lido e utilizado no Brasil desde 1931. Contudo, observa-se a ausência de uma compreensão mais profunda das condições de sua entrada e permanência em nosso circuito acadêmico, bem como uma sistematização detalhada das obras do autor que foram selecionadas e traduzidas em nosso mercado editorial. Destarte, a pesquisa maior, da qual este trabalho deriva, tem como alicerce as seguintes perguntas-diretivas Quais são as principais *temáticas* e preocupações que, ao longo do tempo, foram selecionadas por pesquisadores brasileiros ao estudar o pensamento weberiano? E em quais problemáticas regionais elas foram aplicadas? Quais as fontes originais utilizadas por esses *receptores* para apresentar ao Brasil as abordagens teóricas de Weber? Para fins deste trabalho, além de indicarmos algumas categorias uteis para aqueles que desejarem se ocupar do problema da recepção das obras intelectuais, atentamos a algumas condicionantes sócio-intelectuais da recepção das obras de Max Weber no Brasil, como apontadas por pesquisadores brasileiros base em investigação sociológica e histórica.

---

<sup>1</sup> Este *paper* é uma versão alterada de parte do que foi apresentado em minha Dissertação de Mestrado (CARVALHO, 2016) e resulta de pesquisa desenvolvida no período 2014-2016, com apoio CNPq.

## 1 O PROBLEMA DA CIRCULAÇÃO INTERNACIONAL DAS IDEIAS

O problema da circulação internacional das ideias foi enfrentado por Pierre Bourdieu em duas palestras, proferidas no ano de 1989. As duas exposições propõem algumas reflexões críticas acerca, conforme a própria terminologia de Bourdieu, do *campo intelectual*. A primeira ocorreu na Universidade de Freiburg, Alemanha<sup>2</sup>, a segunda palestra foi realizada no Colóquio de Chicago, sobre *Social Theory and Emerging Issues in a Changing Society*. Os tópicos tratados por Bourdieu nesta conferência fundaram as bases de *Social Theory for a Changing Society*<sup>3</sup>, e são recuperados e atualizados pelo autor em *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*<sup>4</sup> (BOURDIEU, 2002b [1989]). Em Freiburg, Bourdieu expôs à sua audiência algumas questões acerca daquilo que ele chamou de “condições sociais da circulação internacional das ideias”, propondo a observação das tendências dentro dos movimentos de “importação e exportação intelectual” (BOURDIEU, 2002a [1989], p. 4). No colóquio de Chicago, evidenciou o que ele acreditava serem impedimentos para uma internacionalização da ciência.

O conjunto dos argumentos de Bourdieu aponta para uma interessante possibilidade de se encarar o problema do trânsito internacional das ideias no campo intelectual, seguindo da elaboração propositiva de um programa, ou agenda, de pesquisa como um instrumento possível para localizar e identificar os “mal-entendidos” gerados pelo processo de importação de ideias e para favorecer uma verdadeira internacionalização racional da vida intelectual (BOURDIEU, 2002b [1989]).

O primeiro problema que ele aponta diz respeito a uma crença vigente na internacionalização da vida intelectual como algo espontâneo e natural, crença que, em seu entendimento, seria um equívoco, uma vez que a internacionalização da vida intelectual se sujeitaria às mesmas regras que outros espaços da vida social, incluindo nacionalismos, imperialismos, preconceitos, estereótipos, ideias pré-

---

<sup>2</sup> Conferência pronunciada em 30 de outubro de 1989, na inauguração do Frankreich-Zentrum, da Universidade de Freiburg, publicada pela primeira vez em *Romanistische Zeits für Literaturgeschichte*, 14 ane, 1-2, p. 1-10 (BOURDIEU, 2002c).

<sup>3</sup> (BOURDIEU; COLEMAN, 1991).

<sup>4</sup> Os argumentos aqui apresentados baseiam-se em uma publicação de 1995, *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* (BOURDIEU, 2002b [1989], tradução de Gabriel Fernandes, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC, e revisão técnica da Dra. Tamara Benakouche).

concebidas. Assim, o “internacionalismo científico”, como aspecto cultural, é algo que não ocorria isoladamente nas sociedades. Em se tratando de ideias, alerta, a sua “força intrínseca [...] esbarra em resistências devidas aos interesses, aos preconceitos, às paixões” (BOURDIEU, 2002a, p. 5). O segundo ponto levantado por Bourdieu é o conjunto de fatores “estruturais” que são “geradores de mal-entendidos”. A origem deste problema estaria no fato de que as ideias, ao circularem pela comunicação internacional, mas, em geral, não levam consigo o seu contexto nem os campos de produção dos quais se originam, esbarrando na interpretação que os receptores – inseridos também em um campo muito particular – fazem em função do seu campo de recepção (BOURDIEU, 2002a, p. 6). O terceiro problema se dá em decorrência desse fator, o peso do campo intelectual de chegada torna-se tão determinante para “o sentido e a função” de uma obra quanto o seu campo de origem, pois, em muitos casos, as ideias “importadas” têm o seu sentido e sua função no campo de origem ignorados pelo campo de chegada.

Para lidar com estas questões, Bourdieu propõe que se atente para a necessidade de se conhecer as diferenças de funcionamento entre os campos intelectuais nacionais, uma vez que “a probabilidade de deformação do texto aumenta quanto maior a ignorância do contexto de origem” (BOURDIEU, 2002a [1989], p. 12).

A proposição central do sociólogo francês é de que se pense, a partir “de uma sociologia e de uma história social que sejam reflexivas e críticas [...], uma sócio-análise científica, sobre as estruturas do inconsciente cultural nacional” (BOURDIEU, 2002a [1989], p. 12), que estabeleça foco tanto nas histórias nacionais do campo de origem quanto do campo de recepção.

Primeiramente, há que se conhecer a maneira com que as ideias transitam entre campos nacionais distintos submetendo-se a uma série de “operações sociais” de adequação. Das quais, ele destaca: i) **operação de seleção**, que determina ‘o que’, ‘quando’, ‘como’, ‘por quem’ e ‘por que’ se traduziu algo. Bourdieu (2002a [1989]) sugere a importância de nos perguntarmos “quem são os selecionadores, aqueles que uma socióloga da ciência americana chama os *gatekeepers*?”, colocado de outro modo, quem são os *descobridores* de um texto e

“quais interesses eles têm em descobrir”? Contudo, o autor faz ressalva para que se tome o termo “interesse” como “o efeito das afinidades ligadas à identidade”, no intuito de compreendermos as determinantes de uma escolha na recepção (BOURDIEU, 2002a [1989], p. 7-8); ii) **operação de marcação** (ou identificação), quando, por exemplo, uma editora adiciona uma *etiqueta* que não existia anteriormente a uma publicação importada, de modo que a vincula a um tema típico do *campo de chegada*, mas que não seria contemplado pelo texto em seu campo de origem. As operações sociais de **seleção** (o que é publicado, quem é publicado, quem traduz o publicado) e **marcação** (quem edita, a qual coleção pertence, quem faz o prefácio) estariam diretamente ligadas a esses aspectos de afinidade.; e iii) a **operação de leitura**, qual seja, a adequação que os leitores fazem ao aplicar um sistema de cognição que está orientado por “categorias de percepção e problemáticas que são produto de um campo de produção diferente” daquele que originou o texto importado (BOURDIEU, 2002a, p. 7-8). Se os receptores inseridos em um campo diferente daquele de produção, torna-se indispensável às ideias uma mediação. No esquema de Bourdieu, os receptores tendem a reinterpretar os textos de acordo com a suas posições no campo de recepção (BOURDIEU, 2002a [1989], p. 11).

A segunda etapa de observação, segundo o autor, são as instituições educativas, em uma história comparada das disciplinas e das ciências sociais nacionais e dos campos de produção intelectual nacionais. Bourdieu toma como exemplar os conceitos de *Ethnologie* (França) e *Volkskunde* (Alemanha) que, apesar de nomearem e demarcarem o mesmo campo disciplinar (antropológico), são conceitos que já trazem consigo diferentes significados simbólicos e “todo um passado de tradições implícitas”, distinguindo-os pela própria história da tradição de seus campos (BOURDIEU, 2002a [1989], p. 13).

A terceira etapa se daria através da reflexividade crítica, através da “anamnésia” histórica, uma poderosa ferramenta para se escapar do processo de esquecimento ao qual o conhecimento intelectual, legando apenas aquilo que é essencial à *doxa* disciplinar escolástica. A compreensão anamnésica da forma com que se constrói o legado científico, abriria uma via maior de apreensão das variadas opções teóricas em torno das quais se fundamentam correntes

metodológicas e epistemológicas (BOURDIEU, 2002a; 2002b). para a proposição de uma *Realpolitik* científica, o autor fia-se na capacidade que as Ciências Sociais têm de refletir criticamente e de maneira autoconsciente, uma vez que “têm o privilégio de poder eleger por objeto seu próprio funcionamento” (BOURDIEU, 2002b [1989], p. 144).

A quarta etapa de observação se daria, portanto, na via da confrontação universal, em “uma verdadeira internacionalização do campo das ciências sociais” (BOURDIEU, 2002b [1989], p. 153-4). Apesar de o campo das ciências sociais ter sido sempre internacional, o que criaria a ilusão de naturalidade do fenômeno, Bourdieu sustenta que “isso se deu, sobretudo, para o pior e raramente para o melhor”, pois “o campo internacional pode ser o lugar de fenômenos de dominação” como em quaisquer outros âmbitos da vida social (BOURDIEU, 2002b [1989], p. 154). Nestas circunstâncias, ocorrem as trocas simbólicas entre diferentes nações que, mesmo no âmbito propriamente científico, pode expressar relações de dominação institucional e políticas levando à geração de “distorção e mal-entendidos” na circulação das ideias (BOURDIEU, 2002b [1989]).

## 2 IDEIAS, INTERESSES E INSTITUIÇÕES

Schluchter (2014) evoca M. Rainer Lepsius – que considerava a sociologia “uma ciência empírica e histórica das instituições” – para demonstrar o quanto, sociologicamente, o conceito de *ideias* está em intensa relação com outros dois conceitos: *instituições* e *interesses*, fundamentando que o “fiador teórico dessa teoria das instituições é Max Weber”. Para Schluchter, Weber utilizou o conceito de *instituição* “de maneira pouco específica e apenas ocasionalmente”, referindo-se mais às relações, às ordens, e às organizações sociais. Entretanto, reconhece Schluchter, “do ponto de vista do conteúdo”, Weber também compreende as instituições como mediação entre ideias e interesses (SCHLUCHTER, 2014, p. 58-66).

Conforme Schluchter, a fonte que permite a Lepsius (1990, p. 31 apud Schluchter, 2014, p. 59) vincular seu ponto de vista ao de Weber é o texto publicado como “Introdução” (*Einleitung*) dos artigos de *A Ética econômica das*

*Religiões Mundiais*<sup>5</sup>. O excerto que traz a célebre metáfora do “manobrista de linhas de trem”, utilizada por Weber para explicar como determinadas mentalidades (imagens de mundo) que derivam das ideias dão orientação impremeditada à condução da vida. Vejamos a alegoria:

Interesses (materiais e ideais), não ideias, dominam diretamente a ação dos homens. Porém, as “imagens de mundo”, que são criadas pelas “ideias”, determinam, com grande frequência, como manobristas, os trilhos em que a ação se vê movida pela dinâmica dos interesses (**MWG I/19**, p. 101 apud Schluchter, 2014, p. 58-59).

Ainda que esta citação não faça menção direta às instituições, Schluchter (2014) adverte que são três os conceitos que desempenham nela um papel fundamental, três chaves que apontariam para a existência de um terceiro elemento mediador entre ideias (imagens de mundo) e interesses (trilhos em que a ação se move conforme dinâmica dos interesses). Conforme Schluchter, as ideias e as instituições se conformam e se combinam de maneira relacional e multicausal (SCHLUCHTER, 2014, p. 58-59).

Não nos deteremos, aqui, na especificidade deste esquema teórico, mas partiremos dele como indicativos do uso dos referenciais *Ideias, interesses e instituições*. A primeira chave, *ideias*, nos dará subsídios para lidarmos com aspectos substantivos das temáticas problematizadas por Weber em seu *campo de origem*, sendo importadas por diversos campos, conforme a necessidade de compreensão de certas problemáticas fora de seus *contextos originais*; a segunda chave, *instituições*, será utilizada por nós para tratar dos aspectos formais, ou vias institucionais, pelas quais as ideias entram em nosso contexto nacional, com ênfase em organizações universitárias e editoriais; já a terceira chave, *interesses*, para tratar da dinâmica dos *experts* e dos tradutores que fazem a mediação e *marcação* das ideias no *campo de chegada*.

---

<sup>5</sup> Weber, Max. *A Ética Econômica das Religiões do Mundo. Confucionismo e Taoísmo. Escritos 1915-1920*. Cf: **MWG Band I/19: Die Wirtschaftsethik der Weltreligionen. Konfuzianismus und Taoismus. Schriften 1915–1920**. Hrsg. v. Helwig Schmidt-Glintzer, in Zus.-Arb. m. Petra Kolonko. 1989. XIII, 621 Seiten.

### 3 O CAMPO DE CHEGADA E O CONTEXTO DAS IDEIAS

#### 3.1 SUBSÍDIOS PARA A COMPREENSÃO DA RECEPÇÃO DAS IDEIAS WEBERIANAS NO BRASIL

As características do campo de chegada são elementos essenciais para a compreensão do processo de recepção das ideias. Nesta seção, desenvolveremos dois pontos: primeiramente, apresentaremos duas abordagens que discutem teoricamente como analisar esse processo de recepção das obras de Weber, pela via histórica e pela via sociológica, também evidenciaremos alguns momentos históricos fundamentais de discussão do pensamento weberiano no Brasil.

##### 3.1.1 Perspectiva histórica

Na perspectiva histórica, temos com Sérgio da Mata (2013b) a busca por pistas do que ele chamou *elo perdido* entre Max Weber e a historiografia brasileira. Da Mata apresenta um quadro dessa recepção e elenca uma lista de critérios relevantes para uma “lógica da recepção” (MATA, 2013b, p. 189). São eles: **(a) situação institucional ou de poder** desfrutada pelos promotores da recepção (a quem designaremos “mediadores”) no **campo intelectual/ acadêmico**; **(b) a disponibilidade de traduções**; **(c) as possibilidades de diálogo** da obra de um autor com os problemas suscitados pela realidade histórico-cultural da comunidade de recepção; **(d) a presença ou não de discípulos ou divulgadores** imigrados da comunidade de origem na comunidade de recepção; **(e) a eventual interferência ideológica ou política**, que, não obstante ser externa ao campo intelectual, pode facilitar ou dificultar o processo de recepção; **(f) as relações de força** que regem a lógica dos intercâmbios intelectuais-acadêmicos entre a comunidade intelectual de origem e a comunidade de recepção; **(g) a existência ou não de paradigmas alternativos** na comunidade de recepção; **(h) o sucesso ou insucesso prévio** da recepção numa terceira comunidade científica, uma “comunidade intermediária”, a qual goza de prestígio junto à comunidade final etc. (MATA, 2013b, p. 189-90, **grifos nossos**).



### 3.1.1.1 Karl Loewenstein e Emílio Willems: um weberianismo estrangeiro *no e sobre o Brasil*.

Curiosamente, conforme a análise de Sérgio da Mata (2013b), as primeiras incursões de um weberianismo no Brasil – em seus termos, um “weberianismo tropical” –, se dão através não de cientistas sociais, mas de um cientista político, Emílio Willems, e de um jurista, Karl Loewenstein, ambos estrangeiros. O primeiro, gozava não somente da reputação de intelectual de influencia weberiana, mas era um reconhecido frequentador dos círculos intelectuais organizados na residência do casal Weber, em Heidelberg.

Emílio Willems imigra para as Américas de maneira forçada, em 1931, pela ascensão nazista na Alemanha. Da Mata (2013b) apresenta-o como aluno de Alfred Vierkandt, Theodor Geiger e Werner Sombart, em Berlim. Willems se instala no Brasil e começa a lecionar num seminário de padres no Rio Grande do Sul, citado por da Mata como “o primeiro cientista social a falar em Weber no Brasil” (MATA, 2013b, p. 203). Conforme Villas Bôas (2006 apud MATA, 2013b), os primeiros trabalhos de Willems “seguiram os passos de seu mestre Vierkandt, e trataram do processo de aculturação dos alemães no Sul do Brasil” (2006, p. 81-103 apud MATA, 2013b, p. 203)0, contudo, em 1945, o Alemão publica na revista *Administração Pública* o artigo de verve weberiana *Burocracia e patrimonialismo*, o qual lançaria as bases daquelas “que viriam a ser as categorias clássicas do weberianismo brasileiro” (MATA, 2013b, p. 203). Karl Loewenstein desloca-se para os Estados Unidos por ocasião da Segunda Guerra Mundial, tornando-se professor da Universidade de Amherst e, posteriormente, um colaborador Depto. de Estado Norte-Americano, do qual, recebe a função de compor um levantamento na América Latina. Sua estada no Brasil foi publicada no ano de 1941, nos EUA, sob o título *Brasil under Vargas*, que Sérgio da Mata descreve nos seguintes termos: “não obstante os objetivos a que serviu e o cronograma espartano em que foi redigido, este livro é provavelmente o primeiro estudo weberiano *avant la lettre* sobre o Brasil” (MATA, 2013b, p. 193) e pode ser considerado um pioneiro de um weberianismo “estrangeiro” feito “no” e, também, “sobre o” Brasil.

### 3.1.2 Perspectiva sociológica

Na perspectiva sociológica, Sell (2007) recomenda uma atenção cuidadosa à literatura “primária” – qual seja, aquela produzida por autores que foram elevados a um *status* canônico, “os autores referenciais e modelares, dos quais partiriam as diferentes linhas paradigmáticas de referência teórica” – e à literatura “secundária”, uma literatura *especializada* na compreensão das vias de circulação e aplicação das ideias daquele ator tomado ou reconhecido como cânone. Sell destaca, ainda, como a “literatura secundária” nos tem ajudado na tarefa de compreender “não só a história da recepção de Weber no Brasil, mas também as diferentes interpretações da própria realidade brasileira que resultam da absorção de referenciais teóricos weberianos” (SELL, 2007, p. 241-242).

Em termos gerais, conforme Sell (2007), dentro dessa literatura secundária existe uma tendência de continuidade por duas sendas diferentes. Na primeira via, o conjunto dessas leituras se move com foco em investigar como se desenvolve e como se dão os diferentes padrões interpretação da obra de Weber no Brasil, com ênfase em saber quais as condições de apropriação de Weber condicionam a leitura de sua obra pelas circunstâncias próprias de nossa formação social, visando entender de que modo o nosso contexto social e intelectual condiciona a leitura que se faz de Weber. Na Segunda, há uma preocupação maior em observar como Weber nos influencia a partir das leituras realizadas pelo grupo anterior, “na medida em que destaca de que forma esta apropriação teórica condicionou a interpretação que se fez do processo histórico-social de formação da sociedade nacional” Aqui, inverte-se a preocupação, pois os aos pesquisadores buscam compreender como a leitura de Weber orientou o olhar dos interpretes brasileiros na compreensão dos fenômenos sociais no Brasil (SELL, 2007, p. 242).

Por essas vias interpretativas, de acordo com Sell (2007), é possível divisar duas interpretações que predominam historicamente de se ler Weber no âmbito da sociologia brasileira. De um lado, a ênfase das interpretações está concentrada na “sociologia política weberiana e sua sociologia da dominação”, a fim de produzir explicações que dessem especificidade da realidade brasileira, destacam-se os nomes de Sérgio Buarque de Holanda e Raymundo Faoro. De outro lado, demonstra a existência de um eixo analítico que privilegia a leitura da sociologia

“histórico-comparada das religiões” elaborada por Weber. Esse eixo se desenvolve com intérpretes de Weber de uma nova geração, como Jessé Souza e Antônio Flávio Pierucci (SELL, 2007, p. 241). A seguir (Quadro 2), apresentamos uma sistematização desse argumento.

**Quadro 2** – Tipos de leitura que compõem uma “lógica da recepção”

	Tipos de leitura	Sociologias weberianas	Autores
<b>Primeiro eixo</b>	Literatura clássica regional	Da política e da dominação	Sérgio Buarque de Holanda Raymundo Faoro
<b>Segundo eixo</b>	Literatura secundária (em relação a Weber)	Histórico-comparada das religiões mundiais	Jessé Souza
			Antônio Flávio Pierucci

Fonte: Carvalho (2016), elaborado a partir de Sell (2007).

Ainda na vertente da perspectiva sociológica, Glauca Villas Bôas (1997, 2014) ao investigar as condições em que se deu a recepção da sociologia de alemã no Brasil, oferece largas contribuições não só para o tema da recepção das obras intelectuais, mas a respeito da própria recepção da obra de Max Weber no cenário intelectual nacional. Com destaque para o período entre as décadas de 1940 e 1980, a opção de recorte temporal de Villas Bôas localiza a recepção de Weber em perspectiva com a própria consolidação institucional do estatuto da Sociologia enquanto disciplina no contexto acadêmico nacional, exatamente no momento “em que se define sua identidade cognitiva, social e histórica” (VILLAS BÔAS, 2014, p. 6).

Neste período (1940–1980) ela distingue duas ondas de recepção da obra do sociólogo alemão. No primeiro momento, anos iniciais da institucionalização da sociologia no Brasil, “uma primeira modalidade de recepção da obra de Max Weber se impõe e se caracteriza pelo interesse no uso do instrumental teórico e metodológico weberiano na pesquisa empírica” A criação da revista *Sociologia*, editada pelo alemão Emílio Willems, em 1939, é o marco referencial inicial de sua investigação. A segunda onda de recepção é demarcada pela publicação de *Crítica e resignação: fundamentos da Sociologia de Max Weber*, de Gabriel Cohn, em 1979, esta obra, que encerra a demarcação de Villas Bôas “inaugurou uma segunda modalidade da recepção, orientada para a análise imanente da obra de

Max Weber”. Para a pesquisadora, Max Weber foi recebido no Brasil em um cenário pleno de “problemas, recusas e disputas” (VILLAS BÔAS, 2014, p. 5) e critérios seletivos de apropriação de ideias em função de interesses de pesquisa dos intelectuais brasileiros. Houve, ainda, sentença Villas Bôas, uma recusa inicial dos pressupostos da construção ideal típica weberiana em favor de proposições classificatórias de caráter generalizante, com uma ausência inicial de referências das proposições weberianas sobre o sentido da ciência e o papel do sociólogo como cientista.

Villas Bôas (2014) parece concordar com os autores que citamos, anteriormente, quanto à necessidade de se compreender os processos de recepção das obras intelectuais para além do mero histórico de sua chegada. É preciso reconstruir as vias trilhadas pelo texto, desde o caminho editorial até a sua entrada na sala de aula, contemplando, inclusive, as obras escolhidas, a literatura secundária recomendada para a interpretação em sala de aula, com foco, também, na utilização empírica das ideias de Weber e polêmicas geradas na disputa pelas interpretações, de modo a apreender a especificidade do pensamento de Weber compreendendo e esboçando problemas próprios da recepção de suas ideias no Brasil (VILLAS BÔAS, 2014, p. 9).

Para Villas Bôas (2014), o imaginário intelectual naquele tempo sofria da germinação de ideias que influenciavam Pensamento Social Brasileiro. Talvez, a mais *contagiosa* delas tenha sido, segundo a autora, a ideia do “atraso” brasileiro, se comparado o país às grandes nações mundiais que passaram pelo processo de modernização. Esta chave, que remonta ao fim do séc. XIX, norteou e balizou as preocupações dos intelectuais brasileiros, muito presa às “peculiaridades” do Brasil e à dualidade tradicional vs. moderno, de modo que a jovem sociologia brasileira “a sociologia não inventou novas questões nem hipóteses, porém as reelaborou”<sup>6</sup> (VILLAS BÔAS, 2014, 2014, p. 9).

---

<sup>6</sup> Ponto corroborado por Werneck Vianna (1999), que ressalta que se a ideia de “atraso” foi tomada chave teórica em oposição à ideia de modernização, não terá sido fato incomum a nossa sociologia primeva ter evocado a Weber e se apropriado de Weber, o teórico da modernidade por excelência: “Daí que a mobilização desse autor pela perspectiva do *atraso* se faça associar ao diagnóstico que reivindica a *ruptura* como passo necessário para a conclusão dos processos de mudança social que levam ao moderno” (VIANNA, 1999, p. 38, grifos do autor).

Assim, no esquema proposto por Villas Bôas (2014), é preciso compreender a lógica seletiva que opera a apropriação de Weber, isto é, perguntar os *por quês?* de determinados conceitos serem eleitos apropriados dentro do sistema teórico-epistêmico-metodológico de uma sociologia emergente no Brasil, conquanto outros conceitos igualmente relevantes dentro do esquema weberiano eram descartados.

#### **4. WEBER COMO MÉTODO: UM “AMADURECIMENTO” PARA AS CIÊNCIAS SOCIAIS NO BRASIL<sup>7</sup>**

Sérgio da Mata (2013b) apresenta dois marcos da absorção de Weber na comunidade sociológica brasileira. Primeiramente, o ano de 1944, ocorre a tradução de *Economia e sociedade* no México, seguida pelo esforço nacional de Alberto Guerreiro Ramos (1946) e por Juarez Brandão Lopes (1956) em “oferecer uma síntese do pensamento de Weber” e, em seguida, o ano de 1946, é publicada a coletânea de artigos *From Max Weber*, organizada por Hans Gerth e Wright Mills (MATA, 2013b, p. 203).

Apesar desse fôlego adicional à partida de uma sociologia weberiana no Brasil, apenas em 1958, atenta Mata (2013b, p. 204), irá aparecer “uma primeira grande obra sociológica brasileira que mais claramente revela a influência de Weber”. Note-se que, curiosamente, assim como no campo da historiografia pelas mãos de Sérgio B. de Holanda e José H. Rodrigues, no campo das Ciências Sociais é também pelas mãos de um jurista de origem que Weber ganha projeção. Trata-se, não menos, da obra *Os donos do poder*, de Raymundo Faoro (1958). Nesse reconhecido trabalho sobre as origens e o desenvolvimento do “estamento burocrático” brasileiro, Faoro elabora a tese de que, em nossa história, “os detentores do poder político impuseram uma lógica patrimonialista ao Estado”, que acabaria por transformá-lo “num estamento autônomo e cuja onerosa manutenção sufoca o pleno desenvolvimento capitalista” (MATA, 2013b, p. 204); essa relação patrimonialista abrigava em si “o germe do suicídio econômico” (FAORO, 1958, p. 41 apud MATA, 2013b, p. 204) e tinha raízes na história de Portugal e do Brasil, “laboratório onde Faoro pretende confirmar as teses de Weber sobre a relação

---

<sup>7</sup> Seção originalmente publicada na Dissertação de Mestrado (CARVALHO, 2016).

parasitária entre funcionários e aparato Estatal, bem como o efeito inibidor deste tipo de dominação sobre o processo econômico” (MATA, 2013b, p. 204). Uma segunda edição de *Os donos do poder* é lançada em 1975, com o triplo do número de páginas do original, causando novo impacto em um Brasil sob o manto do regime autoritário de ditadura, instituído em 1964 pelos militares, “vistos por uma parcela da intelectualidade brasileira como a nova face do estamento patrimonial brasileiro” (MATA, 2013b, p. 204).

Outra obra relevante para compreendermos os primeiros usos de uma metodologia weberiana no Brasil é o livro *Homens livres na ordem escravocrata*, de Maria Sylvia de Carvalho Franco. Conforme Sérgio da Mata, em Carvalho Franco e na contramão de Faoro, que via uma marca patrimonialista em nossa constituição enquanto Estado:

[...] a constituição de uma burocracia moderna no Brasil do século XIX foi dificultada não por um vício de nascença qualquer, **mas pela penúria financeira das instâncias político-administrativas locais e** (o que não fora cogitado até então) **pela dupla moral dos funcionários públicos**, sempre dispostos a subordinar, quando achassem necessário, as obrigações do cargo aos seus interesses pessoais (FRANCO, 1969, p. 128 apud MATA, 2013b, p. 204, grifos nossos).

Escrito como tese de doutorado em 1964 e publicado em 1969, esse livro é apontado por Sérgio da Mata como o que seria “uma espécie de correlato” de *Os donos do poder*, apesar de tomar outra direção explicativa (MATA, 2013b, p. 204).

Ainda sobre a recepção de Weber no meio acadêmico, Sérgio da Mata cita, na Ciência Política, o círculo de Júlio Barbosa, da Universidade Federal de Minas Gerais, e alguns de seus alunos, Simon Schwartzman, José Murilo de Carvalho e Fábio Wanderley Reis, nomes importantes na Ciência Política brasileira contemporânea (MATA, 2013b, p. 206). Por fim, citando o campo dos Estudos de História Urbana, o autor faz referência a um estudo de 1964, *Evolução urbana do Brasil: 1500-1720*, de Nestor Goulart Reis, livro que encontrou em Weber sua “âncora teórica” (REIS, 2000, p. 207 apud MATA, 2013b, p. 206).

Conforme Sell (2014, p. 6), ao tomarmos o histórico de um dos mais antigos cursos brasileiros de pós-graduação em Ciências Sociais, na Universidade de São Paulo (USP), perceberemos que é nesse contexto institucional que, em 1959, “Florestan Fernandes, na busca dos *Fundamentos empíricos da explicação*

*sociológica*”, colocava Weber ao lado de Durkheim e Marx “como uma das soluções possíveis para o problema da indução na sociologia” (FERNANDES, 1959 apud SELL, 2014, p. 6). Florestan Fernandes não ficou de fora das análises de Sérgio da Mata: o “mais influente sociólogo brasileiro das décadas de 1950 e 1960” traria, também, Weber como “uma referência teórica central”, como lembra o historiador (MATA, 2013b). *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*, de 1959, traz um capítulo inteiro dedicado a Weber e, “mesmo marcado pelo pensamento de Marx”, Florestan Fernandes teria, sim, recusado “o postulado weberiano da neutralidade axiológica”, mas reconhecido “ser essencial para o sociólogo o emprego de tipos ideais”, formação metodológica que ‘contaminou’ seu círculo de formação na Universidade de São Paulo, composto por aqueles que estão “entre os principais responsáveis pela consolidação da condição de clássico que Weber passou a desfrutar no Brasil” – destacam-se nesse grupo os nomes de Fernando Henrique Cardoso, Octávio Ianni, Maria Sylvia de Carvalho Franco, Juarez Brandão Lopes, Roberto Cardoso de Oliveira e Gabriel Cohn (MATA, 2013b, p. 204).

Desses autores, Sérgio da Mata destaca Fernando Henrique Cardoso como “o sucessor de Fernandes na Universidade de São Paulo” – que, “diferentemente de seu mestre, combinava Marx e Weber com maior desenvoltura” – e como adicto de “um dos temas clássicos do weberianismo tropical”: as “‘anomalias’ na formação da burguesia empresarial e do Estado no Brasil” (MATA, 2013b, p. 205).

No final dos anos de 1970, as categorias weberianas são colocadas sob estudo específico, com um trabalho que, segundo Sell (2014), inaugura “um novo patamar de discussão” (SELL, 2014, p. 6). Trata-se da tese de livre-docência de Gabriel Cohn, *Crítica e resignação*, de 1979, trabalho que se destaca por colocar ampla evidência sobre as influências intelectuais diretas de Weber, como Dilthey, Simmel, Rickert, Nietzsche etc., com grande ênfase analítica nos conceitos metodológicos centrais (compreensão, sentido e tipo ideal) do arcabouço weberiano.

Sell (2014) destaca que, no estado de São Paulo, a reflexão sobre Max Weber também marcou decisivamente os programas de pós-graduação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), na qual “questões metodológicas

e epistemológicas tiveram desenvolvimento privilegiado”, destacando-se a tese de livre-docência de Héctor Sant-Pierre, de 1994, que “sob o mote da ‘paixão e da razão’ em Weber percorreu de uma ponta a outra os temas filosóficos, os tipos de ação, os tipos de dominação e ainda os tipos éticos do autor”. Ressalta, ainda, que “foi nesta Universidade, a partir da direção de Maurício Tragtenberg, que se realizou a primeira tradução integral dos escritos epistemológicos de Weber” – organizada por Marianne Weber como *Wissenschaftslehre* –, “publicados em dois volumes, respectivamente, em 1992 e 1995” (SELL, 2014, p. 8-9).

Contudo, o “tema decisivo e distintivo da produção teórica da UNICAMP sobre Weber reside especialmente no tema da política” (SELL, 2014, p. 9), destacando-se as leituras de Maurício Tragtenberg, Marco Aurélio Nogueira e Edmundo Fernandes.

Ao longo das décadas de 1980 e 1990, conforme Sell (2014, p. 9), “sempre acompanhando o próprio processo de expansão e institucionalização de cursos de graduação e pós-graduação das universidades brasileiras”, outras universidades começam a figurar com comentários à obra weberiana. É o caso da Universidade de Brasília (UnB), na qual se destacam os nomes de Vamireh Chacon e Bárbara Freitag, que “prepararam o solo para que, em Brasília, em meados dos anos 90, já se fizesse sentir uma nova onda de estudos weberológicos de inspiração europeia, em particular da Alemanha”. Essa onda foi impulsionada pela importante influência dos estudos de Wolfgang Schluchter, de Heidelberg (um dos editores da MWG), “que orientou diretamente dois pesquisadores oriundos da UNB: Eurico Cursino dos Santos (estágio doutorado entre 1991 e 1993) e Jessé Souza (estudos de doutorado, concluído em 1991)” (SELL, 2014, p. 9-10).

Ainda de acordo com Sell (2014), a tendência de uma vertente europeia acaba por deslocar o interesse na obra de Weber para o campo de sua sociologia *histórico-comparada* das religiões universais. Relativamente aos anos 90, Sell (2014) destaca a emergência de uma leitura crítica de Weber “feita à luz da Escola de Frankfurt (e, então, do seu expoente máximo, Jürgen Habermas)”, que despertou o interesse de estudiosos do Direito em Santa Catarina, “ensejando importantes aproximações entre a temática do racionalismo jurídico weberiano e as tendências do webero-marxismo” (SELL, 2014, p. 11), dos quais citam-se os



trabalhos organizados por Edmundo Lima de Arruda Jr., *Max Weber: direito e modernidade*, de 1996; Aluizio Bezerra de Amorim, com *Elementos de sociologia do direito em Max Weber*, de 2001; e Katie Argüello, com *Direito e política em Max Weber*, 1997. Conforme o autor, essa tendência pode ser sentida, também, em Belo Horizonte, “lugar em que Leonardo Avritzer, também em diálogo direto com Habermas, realiza importantes críticas do elitismo democrático nas análises políticas de Weber”, no trabalho *A moralidade da democracia*, de 1996, (SELL, 2014). Há destaque, também, para as “significativas – e críticas – contribuições ao estudo teórico da obra de Weber” surgidas na UFMG, com destaque para o trabalho de Renarde Freire Nobre, uma reflexão sobre a relação entre Weber e Nietzsche: *Perspectivas da razão: Nietzsche, Weber e o conhecimento*, de 2004.

## CONSIDERAÇÕES

O presente trabalho se propôs a tarefa de compreender a relação entre a publicação de trabalhos teóricos com a *assinatura* de Max Weber, em cenário nacional brasileiro, e as condicionantes sociais e históricas de sua recepção, propondo um olhar de estranhamento ao suscitar algumas questões sobre a naturalidade aparente da nossa apropriação dessa leitura canônica. O método para uma sociologia da recepção das obras intelectuais pode requerer um esforço de diálogo com a *história das ideias* e a *história dos conceitos*, em uma análise das condições sincrônicas e diacrônicas desde a compreensão/emissão das ideias até a difusão internacional, para que somente então, se possa tratar do campo de chegada. Embora este trabalho não tenha se ocupado das contribuições daqueles campos disciplinares, tampouco buscado apoio na teoria literária (que trata em si mesma da lógica da recepção) visamos apresentar um esboço preliminar que possa dar subsídios a uma sociologia da recepção das obras intelectuais. O entendimento das circunstâncias de recepção das obras intelectuais requer um esforço compreensivo também de suas condições de emissão. Nesta ocasião, não nos foi possível, também, relatar a nossa abordagem do campo de produção da obra de Weber, o fizemos em nossa Dissertação de Mestrado (CARVALHO, 2016), contemplando, inclusive, a complexa organização editorial dos trabalhos de Weber,

divisando, num grande balanço editorial, quais daqueles trabalhos foram os trabalhos publicados no Brasil.

Neste trabalho, limitamos a apontar alguns subsídios metodológicos que podem contribuir para uma agenda de pesquisa sociológica voltada à recepção de obras intelectuais. A abordagem sociológica nos meios propostos por Bourdieu e Lepsius, parece oferecer boas indicações de metodologia, contemplando tanto aspectos ideais (ideias), materiais (interesses) e formais (instituições) relativos ao campo de chegada.

Observamos que as vias de observação propostas por Sell, da Mata e Villas Boas tendem a corroborar com os critérios elencados por Bourdieu e Lepsius. Uma aplicação sistematizada destes critérios podem oferecer mais impressões a cerca da chegada e permanência de uma obra estrangeira a um determinado campo intelectual nacional. Como visto nas exposições dos autores nacionais, as obras intelectuais passam por adaptações, passam por filtros seletivos, correntes interpretativas e estão sujeitas a adequações às ideias locais.

No caso weberiano, a adequação aos problemas locais (às teses do “atraso” e do “patrimonialismo”) foram a principal porta de entrada do autor no cenário intelectual brasileiro e seus interpretes nacionais levantam a dúvida de que Weber não só foi chamado como meio de contemplação destes problemas, mas pode ter sido levado a uma leitura peculiar proporcionada pelos próprios problemas. Contudo, observou-se que, num momento seguinte, Weber ganha relevância acadêmica como um metodológico para as ciências sociais.

Weber tem sido lido e utilizado no Brasil, desde a década de 30. Observamos a ausência de uma compreensão profunda das condições de sua entrada, aceitação e permanência em nosso circuito acadêmico, e de uma sistematização detalhada de suas obras selecionadas e traduzidas em nosso mercado editorial. Nosso trabalho, propõe indicar subsídios que possam servir à interpretação da recepção de Weber, mas que possa, sobretudo, contribuir com a pesquisa sociológica da recepção das obras intelectuais.

## REFERENCIAS

- ALEXANDER, J. C. A importância dos clássicos. In: GIDDENS, A.; TURNER, J. (Org.). **Teoria social hoje**. São Paulo: Unesp, 1999. p. 23-89.
- BOURDIEU, P. Gênese e estrutura do campo religioso. In: \_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas**. Org. Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2005a.
- \_\_\_\_\_. A causa da ciência: como a história das ciências sociais pode servir ao progresso das ciências. Trad. Gabriel Fernandes. **Política & Sociedade**, Florianópolis, n. 1, p. 143-161, set. 2002b.
- \_\_\_\_\_. As condições sociais da circulação internacional das ideias. Trad. Fernanda Abreu. **Rev. Enfoques**. PPGSA/IFCS/UFRJ [on-line], Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 04-15, dez. 2002a.
- \_\_\_\_\_. Les conditions sociales de la circulation internationale des idées. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 145, p. 3-8, dez. 2002c. Disponível em: <[http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss\\_0335-5322\\_2002\\_num\\_145\\_1\\_2793](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_2002_num_145_1_2793)>. Acesso em: 27 jan. 2016.
- \_\_\_\_\_. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. Trad. Denise Barbara Catani. São Paulo: Ed. UNESP, 2004a.
- \_\_\_\_\_. **Para uma sociologia da ciência**. Trad. Pedro Duarte. Lisboa: Edições 70, 2004b.
- HOLANDA, S. B. de. **Raízes de Sérgio Buarque de Holanda**. Org. e intro. Francisco de Assis Barbosa. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- LEPSIUS, M. R. "Economia e sociedade": a herança de Max Weber à luz da edição de sua obra completa (MWG). **Tempo soc.**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 137-145, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20702012000100008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702012000100008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 28 dez. 2015.
- MATA, S. da. Anos de aprendizagem de um jurista formado numa perspectiva histórica: Weber e o historicismo. In: \_\_\_\_\_. **A fascinação weberiana: as origens da obra de Max Weber**. Belo Horizonte, Fino Traço (História). 2013a. p. 23-36.
- \_\_\_\_\_. Weberianismo tropical: caminhos e fronteiras da recepção da obra de Max Weber no Brasil. In: \_\_\_\_\_. **A fascinação weberiana: as origens da obra de Max Weber**. Belo Horizonte, Fino Traço (História). 2013b. p. 189-208.
- PIERUCCI, A. F. Apresentação. In: WEBER, Max. **A ética e o "espírito" do capitalismo**. Trad. José M. M. Macedo. Ed. Antônio F. Pierucci. 12. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SCHLUCHTER, W. Ideias, interesses e instituições: conceitos centrais de uma sociologia de orientação weberiana. In: \_\_\_\_\_. **O desencantamento do mundo**: seis estudos sobre Max Weber. Trad. e Apres. Carlos E. Sell. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2104. p. 57-87.
- \_\_\_\_\_. O desencantamento do mundo: a visão da modernidade em Max Weber. In: \_\_\_\_\_. **O desencantamento do mundo**: seis estudos sobre Max Weber. Trad. e Apres. Carlos E. Sell. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2014. p. 36-56.

\_\_\_\_\_. Imagens de Weber: esboço de uma tipologia das interpretações do pensamento weberiano. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 14., 2009, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Sbs, 2009.

\_\_\_\_\_. Leituras de Weber e do Brasil: da política à religião, do atraso à modernidade. **Cienc. Soc. Unisinos**, Porto Alegre, v. 43, n. 3, p. 241-248, dez. 2007.

\_\_\_\_\_. **Max Weber no Brasil**: a interpretação do pensamento weberiano na pesquisa brasileira. Relatório de bolsa de produtividade em pesquisa 2010-2013. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2014. 51 p.

\_\_\_\_\_. Sistemática dos conceitos: entre ideias e interesses. In: \_\_\_\_\_. **Max Weber e a racionalização da vida**. Petrópolis: Vozes, 2013b. p. 85-88.

VIANNA, L. J. W. Weber e a interpretação do Brasil. **Novos Estudos CEBRAP** [Impresso], São Paulo, v. 53, p. 33-48, 1999.

VILLAS BÔAS, G. K. A Recepção controversa de Max Weber no Brasil (1940-1980). **Rev. Dados** [on-line], v. 57, n. 1, p. 5-33. 2014.

\_\_\_\_\_. A recepção da sociologia alemã no Brasil: notas para uma discussão. **BIB – Revista de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, p. 73-80, 1997.

WAIZBORT, L. Apresentação: Max Weber hoje. **Tempo soc.**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 9-18, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20702012000100001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702012000100001&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 28 dez. 2015.

## RESUMO

Este trabalho resulta de pesquisa desenvolvida no período 2014-2016, com apoio CNPq (mod. bolsista - Mestrado), sobre as condicionantes sócio-intelectuais da recepção das obras de Max Weber no Brasil, onde tem sido lido e utilizado desde a década de 30. Observou-se a ausência de uma compreensão profunda das condições de sua entrada, aceitação e permanência em nosso circuito acadêmico, e de uma sistematização detalhada de suas obras selecionadas e traduzidas em nosso mercado editorial. Destarte, aponta-se para a problemática da compreensão dos processos de circulação internacional, de importação e de recepção das ideias, como preconizado por Bourdieu. Atenta-se, também, para a necessidade de evidenciar, conforme Wolfgang Schluchter, como as ideias dão orientação e/ou são reorientadas em conjunção com interesses e instituições. Considera-se a própria problemática do histórico de intermitências editoriais na difusão internacional do pensamento de Weber, desde a Alemanha. Contemplar quais as condições sociais e políticas de recepção, interpretação e repercussão do pensamento de Max Weber no Brasil, através de suas vias principais (produção, edição e publicação científica e acadêmica), aparece urgente para compreender as condições específicas em que ele é apropriado como uma matriz teórica e metodológica no país. Nesta senda, este trabalho apresenta subsídios e indicativos que intentam dar colaboração ao desenvolvimento de uma sociologia da recepção das obras intelectuais.

**Palavras-chave:** Max Weber. Sociologia da recepção. Teoria sociológica. Pensamento social alemão no Brasil.